



## **Tudo Junto: pessoas, relações e peculiaridades na feira livre de Viçosa<sup>1</sup>**

Fernanda REIS<sup>2</sup>

Soraya Maria Ferreira VIEIRA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

### **RESUMO**

Feiras livres agregam em um mesmo espaço diferentes elementos e agentes sociais de origens e funções distintas. Esses elementos e agentes se relacionam, fazem trocas, interagem. O intuito deste trabalho é estudar e compreender a dinâmica do espaço em questão - sua estrutura, sua organização, seus personagens e suas particularidades - e como as características desse lugar podem ser apresentadas a partir da linguagem audiovisual e do gênero documentário. A combinação da linguagem e do gênero em questão foi feita pelo poder de cognição da imagem e do som e pela liberdade de abordagem que um documentário permite. Esses elementos, aliados, propiciam tratar, de maneira expressiva, um tema como a feira livre, em que os acontecimentos se apresentam em um “tudo junto”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Documentário; sociabilidade; feira livre; linguagem; Viçosa.

### **1 INTRODUÇÃO**

É difícil definir um período exato de início das feiras. Há registros que indicam a existência delas já na Antiguidade, mas o destaque no curso da História se deu no período de renovação comercial da Europa, na Idade Média. Com o desenvolvimento e aprimoramento das técnicas agrícolas dos feudos, a produção aumentava e um excedente era gerado e comercializado nas feiras.

Realizadas taticamente em entrepostos comerciais, as feiras eram pontos de encontro. Elas contribuíram no surgimento de organizações bancárias, foram responsáveis pelo desenvolvimento de cidades e de sistemas de comunicação. Contudo, a criação de filiais das companhias comerciais fizeram com que a importância das feiras diminuísse e a maioria delas, que atuava como foco principal de comunicação entre regiões, desaparecesse após o século XVII. Ainda que tenham deixado de ser o elemento mais importante de interação, nos séculos seguintes, as feiras continuaram presentes tanto no âmbito econômico quanto na esfera social.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em vídeo (avulso).

<sup>2</sup> Autora do trabalho. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa - MG, email: fernanda.reis.reis@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa - MG, email: sofferreira@gmail.com.



No Brasil, os primeiros registros de feira datam do período colonial, no Rio de Janeiro. As mercadorias chegavam de navio e eram comercializadas informalmente na Praça XV. Apenas no século XVIII, a situação das feiras nas ruas da cidade foi oficializada.

Em Viçosa, a feira livre existe há, aproximadamente, 40 anos. Em quase quatro décadas, ela funcionou em três diferentes lugares. Atualmente, são 180 barracas, sendo 140 destinadas aos produtos hortifrutigranjeiros e as outras 40 utilizadas para a venda de roupas, calçados, acessórios e artesanato. Além disso, 13 famílias são responsáveis pelo setor de alimentação, produzindo e comercializando pastel frito e caldo de cana.

A feira livre é um elemento sócio-cultural da cidade. Ela funciona como lugar em que acontecem as mais diversas interações, todas elas circundadas pela sociabilidade. É um ponto de referência em muitos aspectos, podendo ser lugar de encontro, compra, venda e troca. Dessa maneira, possui um significado para Viçosa. Registrar a feira, portanto, com sua dinâmica ímpar e suas variadas peculiaridades, se mostra relevante para a cidade.

## **2 OBJETIVO**

### **2.1. OBJETIVOS GERAIS**

- Identificar os tipos de relação que acontecem em uma feira livre, como elas ocorrem e a importância dessas relações.
- Investigar os motivos que possibilitam as feiras livres ainda existirem.
- Experimentar conceitos do gênero documentário e técnicas das produções audiovisuais.

### **2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Compreender como é feita, pela feira, a apropriação e utilização do espaço da rua.
- Conhecer os elementos que compõe a feira livre de Viçosa.
- Identificar os elementos universais e regionais da feira livre de Viçosa.
- Compreender a importância dessa feira na vida das pessoas que a frequentam.
- Registrar a dinâmica da feira livre de Viçosa, apontando suas peculiaridades.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Pela complexidade do tema e por ser parte da cultura da cidade, fazer um registro da feira livre viçosense, mostrando o que nela acontece, quem a frequenta, como ela se estrutura e como ocorre a transformação de um espaço, se configurou em uma proposta interessante para ser explorada em um trabalho de conclusão de curso. Por sua vez, o



gênero documentário aliado à linguagem audiovisual mostrou ser uma escolha eficiente para identificar e apontar os aspectos de uma feira livre, que estavam sendo investigados.

Na abordagem escolhida, buscou-se capturar, compreender e colocar em discussão questões relacionadas à transformação da rua com as feiras, a organização e a sobrevivência desses lugares em meio aos costumes modernos, a relação das pessoas com o espaço e o estreitamento de relações entre as pessoas.

No ambiente festivo e amistoso da feira livre (...) é restituído um pouco o sentimento de solidariedade e simpatia perdida na sociedade moderna. É fato que estes sentimentos não serão legítimos, uma vez que a feira livre está inserida na sociedade moderna e é criação desta. Mas, em contraposição ao ambiente frio e formal dos supermercados, as feiras constituirão um verdadeiro reduto comunitário dentro da cidade de concreto. E menos artificial que os condomínios fechados com parques e lagoas particulares, já que estarão em ambiente aberto, público e espontâneo. (MASCARENHAS & DOLZANI, 2008, p. 81)

Por serem lugares dinâmicos e de multiplicidades, a linguagem audiovisual se mostrou adequada para fazer tal registro. Com áudio e imagem seria cognitivamente possível traduzir os inúmeros aspectos da feira livre. O documentário, por sua vez, ofereceu mais liberdade para trabalhar a questão central, pelo fato desse gênero não se definir baseando-se na existência de um “enunciado estereotipado ou de tipos textuais fixos (narração, descrição, injunção, dissertação)”. (MELO, 2002, p.1). O documentário, na verdade, possui uma ambiguidade, um caráter de transição entre outros gêneros e formatos. Penafria (2001) deixa essa questão bem clara quando fala que:

O documentário ocupa uma posição ambígua e polêmica (...). Por um lado, recorre a procedimentos próprios do cinema (escolha de planos, preocupações estéticas de enquadramento, iluminação, montagem, separação das fases de pré-produção, produção, pós-produção, etc.). Por outro lado, enquanto espectadores, exigimos que um documentário, por manter uma relação de grande proximidade com a realidade, deva respeitar um determinado conjunto de convenções: não direção de actores, uso de cenários naturais, imagens de arquivo, câmera ao ombro, etc. Estes recursos constituem o garante da autenticidade do representado. (PENAFRIA, 2001, p.1)

Dessa maneira, não houve um rompimento por completo com o Jornalismo. O que ocorreu foi um aprofundamento no processo de pesquisa e, também, a utilização de outras linguagens e abordagens, além das jornalísticas. Procurou-se construir um discurso experimentando recursos além dos definidos no campo do Jornalismo.

Desenvolver um documentário sobre o assunto feira foi uma tentativa de trazer a discussão sobre esse espaço-evento, na conjuntura moderna. Além disso, havia o desejo de produzir algo que registrasse e, também, destacasse a feira livre viçosense, já que materiais relativos ao assunto ainda são bastante escassos na cidade, existindo poucas obras referentes ao tema.



#### 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para desenvolver o documentário “Tudo Junto: pessoas, relações e peculiaridades na feira livre de Viçosa” e torná-lo uma unidade, foi preciso construir um conceito. Por isso, pensar nos elementos que seriam utilizados foi essencial para que tivessem um significado realmente pertinente à proposta. Dos planos trabalhados às fontes escolhidas para os créditos, cada detalhe foi estratégico.

Começando pelos planos. Para os entrevistados, optou-se por trabalhar com planos mais fechados, pois o intuito era focar na pessoa, em suas expressões, em seu discurso. Já as demais cenas, que eram acompanhadas da narração, foram captadas utilizando diversos tipos de planos, sendo utilizadas de acordo com o conteúdo da narração em questão. Variou-se do plano geral ao plano detalhe. Com o plano geral, a intenção era focar no espaço como um todo, capturando sua organização e transmitindo a ideia de um organismo vivo, em movimento. Com o plano detalhe, o intuito foi mostrar a pluralidade da feira, por meio de suas pequenas peculiaridades, seus pormenores: uma bijuteria exposta na banca, um saco de doces coloridos, um sapato disposto em uma estante, a mão calejada de um feirante.

Outra técnica que fez parte do roteiro do documentário foi o congelamento de quadros (*frames*) no início da sequência de cada um dos depoimentos. A intenção foi suspender a atenção do espectador por alguns instantes e direcioná-la às informações, que apareciam na tela, sobre o entrevistado em questão.

A utilização de cores também foi pensada. Seu uso foi pautado no fato de a feira ser um espaço naturalmente colorido, vivo. Para estarem de acordo com essa característica, todos os elementos inseridos na edição - como os geradores de caracteres (GCs) com as informações dos entrevistados e arte dos créditos - foram elaborados utilizando a variedade de cores. O uso das cores também teve inspiração em um elemento que simboliza a feira: as sacolas coloridas. Esse conceito foi principalmente explorado nos créditos iniciais e finais do documentário, em que se utilizou a estampa dessas sacolas para integrar à arte.

Além disso, outro elemento estético que teve inspiração em características da feira foram as fontes empregadas nos GCs e nos créditos. Essas fontes são irregulares e misturam letras em caixa alta e caixa baixa, sugestionando certa desordem, mas que, juntas, formam uma unidade harmônica. A feira é justamente assim: uma espécie de caos ordenado, onde tudo acontece ao mesmo tempo, no mesmo espaço, de maneira viva, porém em consonância.

Outro recurso estratégico na composição do documentário foi o som ambiente. Ele está presente em grande parte do vídeo e o intuito de mantê-lo assim foi trazer a sensação de pluralidade, movimento e vivacidade, características das feiras.

Finalmente, a presença de um narrador. Esse elemento surgiu da necessidade de variar o tipo de formato que as informações seriam apresentadas. No caso deste trabalho, o narrador tem uma função dupla: ele tem o objetivo de conectar as vozes do discurso e ser, também, uma das vozes da narrativa, conferindo ao documentário seu “caráter autoral” (MELO, 2001). Existe a presença do autor, porém isso não significa que ele seja o protagonista. Neste caso, as outras vozes presentes na narrativa são os agentes principais da história.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

### **5.1. PRODUTO**

O documentário aqui descrito faz parte do trabalho de conclusão de curso apresentado pela autora, no fim de 2010. Este trabalho é composto de um memorial e de um documentário experimental - o objeto de análise deste artigo.

No memorial, está reunida a parte teórica do trabalho, desde o conteúdo que deu embasamento à discussão feita no documentário ao relato do processo de apuração e desenvolvimento do produto audiovisual. No documentário experimental, por sua vez, está o registro audiovisual, resultado de um trabalho de campo fundamentado pelo conteúdo presente no memorial. É no documentário que há a montagem dos elementos capturados na produção (os depoimentos, especialmente), com o intuito de abordar os questionamentos que se propôs a investigar durante o desenvolvimento do trabalho.

### **5.2. PROCESSO**

#### **5.2.1. PRÉ-PRODUÇÃO**

O processo de construção do documentário iniciou com a pesquisa bibliográfica sobre as feiras livres. Por meio de livros, trabalhos acadêmicos e matérias jornalísticas, procurou-se coletar o máximo de informações a respeito do tema central, desde textos sobre as possíveis origens das feiras até a importância delas na atualidade. Junto à pesquisa do assunto principal, buscou-se compreender alguns conceitos da sociologia, antropologia e geografia para auxiliar no entendimento da dinâmica de uma feira livre e compreender as relações existentes no espaço.

Para fazer o recorte do objeto estudado, foi preciso buscar, também, informações a respeito da feira em Viçosa. Por meio de documentos cedidos pela prefeitura e trabalhos acadêmicos desenvolvidos na área, pode-se descobrir a história da feira viçosense e de que maneira ela acontece.

Paralelo ao tema principal do trabalho, refletia-se sobre o formato que melhor aprofundaria o tema e sua abordagem. Assim, entendeu-se que compreender o gênero documentário e a linguagem audiovisual auxiliaria na orientação do processo. O intuito de toda pesquisa teórica – tanto sobre o tema quanto sobre o formato – foi agregar o máximo de informação que pudesse subsidiar o processo de produção.

Ainda na etapa de pré-produção, foram feitas visitas ao espaço da feira. Essas visitas serviram para fazer contato com as pessoas que frequentam o lugar, perceber quem elas são e o que elas fazem ali. Esse contato foi feito por meio de conversas informais que contribuíram na elaboração de uma pauta que nortearia as entrevistas na etapa de produção. Além disso, ir à feira antes de começar as gravações do documentário serviu para registrar (por meio de fotografias) a organização do espaço. As visitas serviram, ainda, para perceber as condições de gravação que a feira oferecia (iluminação, som ambiente, possibilidade de montagem de equipamento), fazer um planejamento e elaborar o pré-roteiro com direcionamentos técnicos e de conteúdo.

### **5.2.2. PRODUÇÃO**

As gravações do documentário foram realizadas em cinco sábados, dias 4, 11, 18 e 25 de setembro de 2010 e 1º de outubro de 2010. As gravações foram feitas no sábado pelo fato da feira viçosense acontecer nesse dia. Os equipamentos utilizados para a gravação foram: câmera MiniDV Sony HVR – HD1000N, microfone Shure SM58 e tripé.

O primeiro dia de gravação foi planejado com o objetivo de capturar o máximo de imagens que comporiam o documentário. Do plano detalhe ao plano geral, a equipe trabalhou durante o período que compreendia a montagem da feira e o seu término. Nesse primeiro dia, não foram feitas entrevistas e, sim, um agendamento com os feirantes. O agendamento foi possível somente com essas pessoas, já que elas frequentam a feira de maneira constante. Nesse primeiro sábado, a equipe chegou às 4:50 da manhã e saiu às 13 horas.

O planejamento dos sábados seguintes foi focado na gravação de depoimentos. Feirantes, donas-de-casa, estudantes e crianças foram alguns dos entrevistados. Com exceção dos feirantes, as outras pessoas que frequentam a feira não tiveram as entrevistas

previamente agendadas, isso porque nem todos que vão ao lugar, vão todos os sábados. A abordagem, portanto, foi na feita no momento do “fazer a feira”, sem conhecer de antemão os entrevistados. Apesar de existir uma pauta com perguntas, ela não “engessou” as entrevistas. Sua função foi apenas nortear. A ideia era criar um clima informal com o entrevistado, um bate-papo, já que a abordagem para conversa foi o primeiro contato com essas pessoas. Captar a espontaneidade e a descontração também fazia parte da proposta do trabalho. Durante a conversa, surgiram perguntas que não estavam na pauta, e que só apareceram no desenrolar do bate-papo. O inesperado foi um elemento positivo e se mostrou uma das características da feira.

Todos os depoimentos foram gravados com a permissão dos entrevistados. Para essa garantia, todos assinaram um termo de autorização do uso da imagem e do áudio, que explicava o objetivo do documentário.

As gravações de imagens e depoimentos totalizaram seis fitas MiniDV, o que correspondeu a seis horas, aproximadamente, de material bruto. O intuito era que o vídeo final tivesse duração entre 15 e 20 minutos, abordando as questões propostas no pré-roteiro.

### **5.2.3. PÓS-PRODUÇÃO**

A etapa de pós-produção do trabalho começou com a decupagem das seis fitas. Capturou-se as imagens no programa de edição e separou-se, em sequências, o conteúdo que seria utilizado. Em uma das sequências estavam as entrevistas e, em outra, imagens que comporiam o vídeo.

Os depoimentos foram os primeiros a serem editados. Assim foi feito porque a narrativa do documentário seria construída a partir deles. Escolheu-se as entrevistas mais significativas e, delas, as falas mais emblemáticas e que confeririam o sentido desejado no trabalho. O propósito inicial era construir o discurso com depoimentos, apenas. As informações adicionais viriam em forma de texto na tela. No entanto, com o desenrolar da edição e a elaboração do roteiro final, percebeu-se que o recurso de texto na tela não seria suficiente e nem adequado para todas as informações que fariam parte do vídeo. Foi então que se optou, além do texto em tela, pela presença de um narrador onisciente para variar e equilibrar o tipo de formato que essas informações seriam apresentadas. Entretanto, mesmo com essas modificações, a intenção de dar o máximo de destaque às falas dos entrevistados permaneceu como um dos focos do trabalho.

Com escolha das entrevistas e a seleção de imagens, partiu-se para montagem completa do documentário. Nessa etapa, os depoimentos e as cenas foram organizados na ordem



estabelecida no roteiro, as informações em texto foram inseridas, bem como a trilha sonora e a narração.

Após essa montagem, foi o momento de fazer a finalização do documentário, com a aplicação de efeitos que seriam pertinentes às cenas, a equalização do som, a inserção dos créditos e o emprego de outros recursos. A versão finalizada foi concluída em novembro de 2010.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Feiras livres são mosaicos. São espaços em que as multiplicidades se manifestam e se complementam. Nas feiras, percebe-se a presença de vários tipos, como o professor universitário, a dona-de-casa, o agricultor, o estudante, que apesar das diferenças de origens, compartilham o mesmo espaço, dividindo experiências e fazendo trocas.

Ao mesmo tempo em que se identifica esses tipos, percebe-se, também, que outros papéis se manifestam com a transformação do espaço da rua. O professor continua sendo o professor, mas na feira ele também é um comprador, uma pessoa que compartilha conhecimentos, e que adquire novos aprendizados. A rua, por sua vez, durante a semana, é um espaço de automóveis, mas se modifica nas manhãs de sábado quando carros, motos e bicicletas dão espaço às barracas e ao trânsito de pessoas. O espaço - onde a sociabilidade ganha força, indo além de aspectos econômicos - se configura de outra maneira, dando voz ao contato mais pessoal e espontâneo.

A feira é o lugar em que tudo acontece ao mesmo tempo. Uma aparente desordem funciona em harmonia. Essa característica, por vezes, se mostrou como uma dificuldade na realização do documentário, porque capturar absolutamente tudo era impossível. Contudo, houve a preocupação constante de se captar diferentes aspectos que construíssem uma narrativa que apresentasse, mesmo que de maneira recortada, um pouco da multiplicidade de acontecimentos simultâneos que ocorrem em um lugar só.

Este trabalho foi, também, uma espécie de registro de um elemento sócio-cultural relevante de Viçosa, um guardião da memória de um “tudo junto”, de uma multiplicidade de micro-eventos que acontecem em um só espaço. Apesar de possuir um caráter universal, o trabalho se volta para um assunto local. Portanto, este documentário foi uma amostra audiovisual de um aspecto da cidade que, com sua importância, já faz parte da história e do compartilhamento social de Viçosa.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONAMICHI, Nayana Corrêa. **Feiras Livres: Lugares de Sociabilidade** - Possibilidades de vida urbana contra a morte da rua em Viçosa, Minas Gerais. Viçosa, MG: UFV, 2009.

LABAKI, Amir. **Introdução ao documentário brasileiro**. São Paulo: Francis, 2006.

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam C. S. **Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea**. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/viewFile/4710/3971>>. Acesso em: 01 jul. 2010.

MATTA, Roberto da. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

MELO, Cristina Teixeira Vieira. **O Documentário como Gênero Audiovisual**. Disponível em: <[http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18813/1/2002\\_NP7MELO.pdf](http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18813/1/2002_NP7MELO.pdf)> Acesso em: 01 jul. 2010.

MELO, Cristina Teixeira Vieira; GOMES, Isaltina Mello; MORAIS, Wilma. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral**. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/4655/1/NP7MELO.pdf>>. Acesso em: 19 out 2010.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. Territorialidades e sociabilidades na feira livre da cidade de Caicó (RN). **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 7, n. 17, p. 244- -249, fev. 2006.

NAGEL, Bernard; GONÇALVES, Daniel; RANGEL, Pedro; PEÇANHA, Thiago. **Os bastidores de uma feira livre**. Disponível em: <<http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/13%20-%20os%20bastidores%20de%20uma%20feira%20livre.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2010.

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2010.

VEDANA, Viviane. **“Fazer a feira”** - um estudo etnográfico das “artes de fazer” dos feirantes e fregueses da feira livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3731/000403659.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 set 2010.

WATTS, Harry. **On camera: o curso de produção de filme e vídeo da BBC**. Trad. Jairo Tadeu Longhi. São Paulo: Summus, 1990.

